

Jornalismo Colaborativo e os Novos Parâmetros para Seleção e Intermediação da Notícia¹

Mayara Wasty Nascimento de FARIAS²
Sivaldo Pereira da SILVA³
Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL

RESUMO

A comunicação está em constante transformação e o jornalismo acompanha essas mudanças, adaptando-se a cada nova fase. Com o crescimento e difusão de tecnologia de comunicação e da internet, a mobilidade de informação em múltiplas plataformas torna-se cada vez mais factível. Desta forma, é possível observar que cidadãos não jornalistas estão se apropriando dessas tecnologias e se tornando produtores de conteúdo, o que tem despertado a atenção dos veículos de comunicação de massa, que passam a se utilizar dessa produção. O presente trabalho discorre sobre o jornalismo colaborativo, analisando a prática, suas características e especificações.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo colaborativo; webjornalismo; colaboração; tecnologia da informação; redes sociais.

INTRODUÇÃO

A prática do jornalismo tem sido dependente de algum tipo de tecnologia desde o início. Alguns pesquisadores ressaltam que é a tecnologia que permite ao jornalismo se organizar e transmitir informações de uma forma rápida e eficiente. Ao observarmos a evolução do jornalismo, é possível perceber que as profundas mudanças sofridas quase sempre foram impulsionadas por uma demanda social, e que ao mesmo tempo em que os jornais eram alterados pela sociedade, a sociedade também passava por transformações, principalmente culturais. Essas mudanças resultaram na prática profissional que conhecemos hoje.

Este artigo discorre sobre o jornalismo colaborativo, suas características e especificações, visando entender como este fenômeno tem interferido na prática do

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Graduada do Curso de Jornalismo pela Universidade Federal de Alagoas – Ufal; Pós-graduanda em Gestão de Conteúdo – Jornalismo pela Universidade Metodista de São Paulo, email: mayara.wasty@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor doutor da Universidade Federal de Alagoas, email: sivaldop@hotmail.com

jornalismo. Para tanto, discorre-se sobre os primeiros vislumbres deste fenômeno no Brasil, analisando as diferentes formas de colaboração existentes. Para embasar os argumentos e informações contidas neste artigo, foi realizado um levantamento bibliográfico, utilizando autores que estudam o fenômeno e a prática do jornalismo na web.

Para entender esse novo formato de jornalismo, é preciso entender a evolução do webjornalismo até os dias atuais, analisando suas fases de desenvolvimento. Porém, para este artigo, esses dados serão apresentados de forma breve, apenas para contextualizar a atual fase de desenvolvimento do webjornalismo e do jornalismo colaborativo.

DESENVOLVIMENTO E SEGMENTAÇÃO DO WEBJORNALISMO

O webjornalismo que conhecemos hoje passou por inúmeras transformações. Desde o início das atividades jornalísticas na internet, diversas nomenclaturas foram utilizadas para designar a prática, como: “jornalismo eletrônico”, “jornalismo digital ou multimídia”, “ciberjornalismo”, “jornalismo online” e “webjornalismo”. Luciana Mielniczuk (2003) distingue cada nomenclatura de acordo com suas funcionalidades.

Apesar das diferentes nomenclaturas, praticamente não existe diferença nas práticas. Para fins de padronização, utilizaremos a denominação mais aceita: webjornalismo. Esta prática jornalística, que utiliza uma parte específica da internet, a *web*, já caminha para sua segunda década de existência e nesse tempo já passou por pelo menos três gerações de desenvolvimento: transpositiva, perceptiva e hipermidiática.

Cada fase possuiu características específicas, sendo a passagem delas uma evolução para o jornalismo. A transpositiva foi a primeira geração e consistia na transposição do modelo impresso para a *web*, onde as notícias eram publicadas da mesma forma que no veículo impresso, sem passar por adaptações para o meio digital e agregando poucos recursos para a interação. Muitas vezes possuíam apenas e-mail e menu de navegação.

Na segunda fase de desenvolvimento, a perceptiva, já era possível perceber mudanças sutis, já que alguns elementos específicos da *web* passaram a ser inseridos à notícia on-line. Apesar disso, o padrão de texto seguia o desenvolvido para o jornal impresso. Ainda assim, os *sites* começavam a oferecer alguns recursos de hipermídia, como listas de últimas notícias e matérias relacionadas, assim como material exclusivo para a versão on-line.

A fase hipermediática, ou terceira geração, os textos passaram a ser desenvolvidos especialmente para a *web*, agregando hipermídia em sua produção e sendo produzidas e adaptadas para múltiplas plataformas, como *smartphones* e *tablets*.

Cada uma dessas etapas é marcada pela evolução no uso de tecnologias que a Internet comporta. No início, os sites dedicavam-se à digitalização dos produtos do impresso. À medida que os profissionais foram se capacitando para uso da Internet, os sites começaram a destacar profissionais que se dedicassem a produção de conteúdo exclusivo para *web*, chegando até o terceiro estágio, com a intensificação do uso de recursos multimídia e hipertextualidade (REGES, 2010, p. 13).

O webjornalismo apresenta características próprias, como a quebra da verticalização da notícia, interatividade, customização de conteúdo, hipertextualidade e multimidialidade (PALACIOS, 2003). Marcos Palacios (2003) acrescenta quatro novas características: convergência, personalização, memória e instantaneidade do acesso, o que possibilita a atualização contínua do material.

O desenvolvimento do webjornalismo, a disseminação de tecnologia móvel e internet, somada com as mudanças na forma de consumir conteúdo⁴ determinaram a popularização do jornalismo colaborativo.

JORNALISMO COLABORATIVO

O jornalismo colaborativo, que também pode ser denominado como jornalismo cidadão, participativo, comunitário, *open source* (código aberto) ou *peer-to-peer*, é caracterizado pela prática jornalística exercida por pessoas não formadas na área de comunicação ou jornalistas sem vínculo empregatício com a empresa que colaboram e se utilizam do espaço infinito da *web* para publicar seus conteúdos. A denominação “webjornalismo participativo”, utilizada neste artigo para fins de padronização, refere-se à ideia de produção e publicação de notícias na *web* por qualquer usuário. Neste contexto, o webjornalismo participativo surge como

webjornais em que o público pode intervir sobre o conteúdo publicado, seja enviando seu próprio material jornalístico, seja reescrevendo textos, fazendo

⁴ Segundo Maffesoli, “as pessoas não querem apenas informações na mídia, mas também e fundamentalmente querem se ver, ouvir, participar, contar o próprio cotidiano para si mesmas e para aqueles com quem convivem. A informação serve de cimento social” (MAFFESOLI, 2004, p.23 *apud* FONSECA; LINDERMANN 2007, p.7 nosso grifo).

comentários sobre as notícias e debatendo a partir do material jornalístico publicado por outros colaboradores. (TRÄSEL, 2010, p.220 *apud* ZANOTTI; REIS, 2011, p. 2).

Desta forma, como ressalta Brambilla (2005, p. 2), “criadores e público podem ser, agora, a mesma pessoa, ao invés de estarem isolados (...)”. Com esse fenômeno, é possível perceber que a criação de *sites* colaborativos está, muitas vezes, vinculada a interesses políticos ou a grupos segmentados que discutem assuntos pré-estabelecidos (FONSECA; LINDERMANN 2007, p.7).

É importante, porém, distinguir as duas formas de jornalismo participativo existentes: a participação dos cidadãos no jornalismo formal e a criação de *sites* exclusivos para esse tipo de material colaborativo, neste caso, seria a participação no jornalismo alternativo.

O jornalismo participativo nos grandes portais de notícias está cada vez mais frequente, entretanto, até que ponto o material enviado pelos usuários é incorporado no trabalho jornalístico das empresas? É comum encontrarmos seções para colaboração em *sites*. Porém, se observarmos, essas seções ficam separadas das notícias produzidas pela equipe de jornalismo do portal. Isso nos leva a perceber que há uma segregação de conteúdo por parte das empresas. Ora, se existe essa segregação, qual o objetivo de incentivar a prática da colaboração entre os leitores? Podemos encontrar essa explicação em dois aspectos: o primeiro é a fidelização do internauta, que ao ver sua colaboração, seja em foto, vídeo ou texto, sendo veiculado por um portal com credibilidade compartilhará entre seus familiares ou amigos aquele conteúdo e se sentirá mais estimulado a colaborar novamente.

A segunda explicação está ligada diretamente a questões jornalísticas, como a diversidade e a exclusividade de conteúdo, além de baratear os custos para a produção de notícias, já que, com o envio de material, a empresa não precisa deslocar profissionais para a cobertura, sendo apenas necessária uma apuração de dentro da redação. Em 2014, o Portal Terra demitiu cerca de 100 profissionais do jornalismo, alegando adequação de seus recursos, porém, é notório o aumento do incentivo e utilização de conteúdo colaborativo pelo *site*. Desta forma, como destaca Palacios (2011)⁵, a participação dos internautas funciona como parte do modelo de negócios da empresa.

⁵Em entrevista <<http://www.youtube.com/watch?v=n-SQfBciFCo&feature=related>>, visualizado em 10 de junho de 2015.

A segunda forma de jornalismo participativo é a “autônoma”, ou seja, o jornalismo participativo alternativo aos padrões dos veículos tradicionais. Este modelo consiste em um grupo de pessoas, não necessariamente jornalistas, atuando em uma plataforma colaborativa. Este é o caso do *OhmyNews*⁶, primeiro *site* de notícias do mundo a publicar material de seus leitores. O portal criado em fevereiro de 2000, na Coreia do Sul, pelo jornalista Oh Yeon Ho, cujo lema é “cada cidadão é um repórter”. A agência de notícias surgiu como resposta da população ao monopólio da mídia em decorrência a redemocratização e aos reflexos da ditadura da década de 80, assim como manifesto pelo difícil acesso a informações governamentais e a impossibilidade de opinião e manifestação da sociedade civil.

Inicialmente, o *site* era editado apenas em coreano, porém, a partir de agosto de 2004, o *site* passou a ser editado também em inglês e recebeu a denominação *OhmyNewsInternational*⁷. Essa mudança abriu espaço para que usuários de qualquer país pudessem colaborar com o portal, que passou a possuir cobertura internacional. Porém, apesar de ser um *site* “alternativo”, ele não dispensa alguns critérios jornalísticos, como a checagem de informação, pois alternativo é o conteúdo, não a forma de produção.

Outro exemplo de *site* com conteúdo colaborativo é o *Wikinews*⁸. O portal é um projeto da Fundação *Wikimedia* e foi lançado em 2004. A versão em português entrou no ar um ano depois. O *site* é regido pela premissa de que qualquer cidadão pode contribuir na construção da notícia. No *wikinews*, os artigos passam por três etapas até a publicação: desenvolvimento do artigo, revisão do material pela comunidade e, por fim, publicação.

Para Fonseca e Lindermann (2007, p. 5), “a principal característica dessa lógica de produção é a superação do modelo transmissionista emissor-meio-mensagem-receptor, uma vez que este último torna-se agente produtor nesse novo processo”. O diferencial desta modalidade é descentralizar a emissão de informação, além de oportunizar a abordagem diferenciada dos assuntos, já que os mesmos podem ser trabalhados sob o ângulo que mais afeta a pessoa que faz o registro, seja através de imagem, vídeo ou de texto. O jornalismo participativo surge como forma de cobrir o vácuo deixado pelas mídias tradicionais.

⁶ Oh My News, <www.ohmynews.com>

⁷ Oh My News International, <www.english.ohmynews.com>

⁸ Wikinews, <https://pt.wikinews.org/wiki/P%C3%A1gina_principal>

O PAPEL DO JORNALISTA E OS NOVOS PARÂMETROS PARA SELEÇÃO E INTERMEDIÇÃO DA NOTÍCIA

Os jornalistas exercem diariamente a função de mediadores da informação à medida que filtram o conteúdo a ser publicado. Esse é o conceito de *gatekeeper*, definição originalmente postulada por David White⁹. A seleção das informações que irão virar notícias não é feita aleatoriamente, critérios ligados às rotinas de produção são utilizados por esses profissionais, como os a noticiabilidade, a repetição da informação, a falta de qualidade do material e os interesses publicitários. Logo, de acordo com o conceito de *gatekeeping*, os jornalistas seriam os “porteiros” que teriam o poder de controlar o fluxo de informação nas redações.

No jornalismo participativo, os cidadãos tornam-se produtores e podem também atuar como “porteiros”, selecionando sobre o que vão escrever. Em oposição ao conceito de *gatekeeping*, Axel Bruns (2003) desenvolve o conceito de “*gatewatching*”. Segundo o autor, os jornalistas passam a filtrar o conteúdo disponibilizado na rede ou enviado por colaboradores, recebendo a denominação de *gatewatchers* (FONSECA; LINDERMANN, 2007). Esse trabalho é necessário

devido à quantidade de informação circulando nas redes telemáticas e isso cria a necessidade de avaliá-las, mais do que descartá-las. (...) Nota-se um deslocamento da coleta de informação para a seleção da mesma. (...) O *gatewatcher* combina as funções de bibliotecário e repórter. Do porteiro, passa-se ao vigia (PRIMO; TRÄSEL, 2006, p. 8 grifo nosso).

Desta forma, Bruns (2003, p. 5) nos mostra que o *gatewatchin* divulga as notícias (apontando as fontes), ao invés de publicá-las (com a apuração e redação própria). Apesar disso, mantém os benefícios do *gatekeeping*, como a capacidade de fornecer aos leitores uma visão geral do atual dos fatos.

As transformações sofridas pelo jornalismo em decorrência as mudanças sociais e tecnológicas tiveram resultados impactantes na rotina do profissional da comunicação. A informatização alterou a rotina e as ferramentas de trabalho, “do papel passou-se para a tela do computador; a redação dispensou¹⁰, em alguns casos, um espaço físico e geográfico

⁹ Conforme texto de Fonseca e Lindermann (2007, p. 13).

¹⁰ Em novembro de 2011, a CNN dispensou 50 jornalistas do seu quadro de profissionais em decorrência ao iReport, o espaço “cidadão” da emissora. Disponível em:

delimitado, com pauteiros, repórteres, editores, revisores e diagramadores”. (MARCONDES FILHO 2000, p. 49 *apud* FONSECA; LINDERMANN 2007, p. 12). Entretanto, as tecnologias estão presentes em toda história técnica de registro, manuseio de informação e transporte das notícias no jornalismo (SILVA, 2011, p. 91).

Essas novas práticas acabam por constituir um novo perfil profissional, onde o jornalista acaba sofrendo com algumas tensões desse processo, como o acúmulo de funções e a dificuldade em lidar com as multitarefas durante o trabalho de apuração, podendo comprometê-lo. Além disso, a modalidade de jornalismo na *web* alterou algumas características intrínsecas do jornalismo, como a periodicidade. Além disso, como defendem Fonseca e Lindermann (2007, p. 12), com a internet, a responsabilidade de produzir e divulgar notícias não é apenas do jornalista, podendo o cidadão contribuir nesse processo. “Muda, portanto, o papel desse profissional, assim como as rotinas de produção, que se alteram em decorrência da tecnologia”.

A ideia sugerida por Pierre Lévy (1999) de um possível desaparecimento do jornalista como intermediário da informação graças ao crescente número de internautas ativos mostra-se cada vez mais distante da realidade, já que o crescimento da massa de informação produzida e disponibilizada aos cidadãos requer o trabalho de um profissional para filtrar e ordenar esse material. O que acontece é a pulverização de fontes de imagens e informações, mesmo onde não haja qualquer profissional do jornalismo (PRIMO; TRÄSEL, 2006, p. 4).

Newton Cannito (2010, p. 184) explica que alguns profissionais do jornalismo já percebem a importância dos colaboradores e passam a se valer do conteúdo produzido por eles. “Enquanto grandes emissoras ainda mantêm uma equipe fixa de profissionais e envia repórteres para onde está a notícia, outros veículos já começam a se valer da produção colaborativa”. A pulverização de fontes, aliada a ausência de custo da mão de obra colaborativa são fatores que contribuem no interesse das empresas de comunicação nesse material. Se por um lado a falta de qualidade pode ser uma desvantagem, por outro a diversidade decorrente pode ser um diferencial competitivo.

Porém, alguns critérios são levados em consideração antes do material colaborativo ser utilizado, como a confiabilidade da fonte, veracidade da informação e noticiabilidade. Esse último, Wolf, citado por Pena (2010), conceitua como a capacidade que os fatos têm de virar ou não notícia. A noticiabilidade da informação é medida pelo valor-notícia, que o

autor divide em cinco categorias: substantivas, relativas ao produto, relativos ao meio de informação, relativas ao público e relativas à concorrência.

Gradativamente, o jornalismo colaborativo vem ganhando espaço nas empresas de comunicação, sem dispensar, porém, o jornalista como mediador. Exemplos desta prática são as editorias “VC no G1”, pertencente ao *site* G1 e “VC Repórter”, pertencente ao portal Terra. Apesar de utilizarem a produção colaborativa, os *sites* mantêm a equipe de profissionais que vão as ruas, fazem apuração e constroem a notícia. Isso porque o colaborativo não dispensa editores, padrões e um propósito para o material enviado, como ressalta Cannito (2010, p. 185):

O poder de decisão continua centrado em um profissional, ou equipe, que estabelece o que deve ser feito e como, ou decide sobre o que se encaixa nos padrões preestabelecidos. Não há discussão, não há consenso. Mesmo colaborativo, o discurso continua tendo uma central de organização. Colaborativa é a imagem, não a obra que ela compõe.

Porém, nem todo material produzido por cidadãos é encaminhado para os *sites* e portais colaborativos, assim como nem todo material recebido pelas empresas de comunicação é publicado.

SUBAPROVEITAMENTO DO POTENCIAL COLABORATIVO?

Identificar as potencialidades colaborativas é um desafio para o profissional da comunicação, tendo em vista a massa de informação disponível na *web*. Os espaços disponibilizados para a colaboração nos grandes veículos *online* demonstram a negligência da mídia pelo jornalismo colaborativo. Porém, é importante salientar que

nenhuma equipe de jornalistas, não importa seu tamanho ou competência, consegue cobrir ou filtrar a quantidade cada vez maior de coisas importantes que acontecem pelo país. Por outro lado, vitoriosos projetos on-line, como a multiplicação dos blogs e da Wikipédia, sugerem um outro caminho para lidar com esse enorme acúmulo de informação cultural, com cada vez maior descentralização. (CORRÊA; MADUREIRA, 2010, p. 159).

Ao observarmos as seções colaborativas dos *sites* G1 e Terra, por exemplo, nota-se que a área destinada para a publicação do material colaborativo não tem correspondência com o conteúdo jornalístico produzido pelos profissionais do veículo, sendo apenas

demarcadas como colaborativas e assinadas pelo internauta, o que pode ser percebido como uma segregação de conteúdo. Além disso, antes de qualquer conteúdo colaborativo ser publicado, as informações são checadas por um profissional do *site*, que também adequa a colaboração aos padrões editoriais do veículo. Essa checagem é importante para evitar a veiculação de informações falsas.

Citando Heinonen (1999, p. 74), Rocha e Brambilla (2009, p. 6), recordam que há dois cenários distintos no jornalismo que são estimulados pela comunicação digital: o revolucionário e o evolucionário. Para os revolucionários, o papel do jornalista como mediar tem a tendência de diminuir considerando a lógica colaborativa e a participação dos internautas. Os evolucionários por sua vez, não descartam a mediação feita pelo jornalista e atentam a interação com os internautas, porém, sem caráter de destaque. O atual momento do jornalismo aponta que o cenário revolucionário não se firmou, tendo em vista a grande massa de informação produzida e disponibilizada na *web*. Desta forma, a internet é uma fonte ilimitada de informação e as redes sociais tem potencializado essa característica, tornando-se geradoras de trocas de informações.

Por rede, entende-se como

(...) um padrão comum a todo tipo de vida. Onde quer que nos deparemos com vida, constatamos redes. É importante que compreendamos que essas redes vivas não são estruturas materiais como uma rede de pesca ou teia de aranha. Elas são redes funcionais, redes de relações entre vários processos. [...] Em uma rede social, os processos são processos de comunicação. Em todos os casos a rede é um padrão não-material de relações¹¹.

Cotidianamente, o poder de disseminação de informação de uma rede social pode passar despercebido, porém, *blogs*, *sites* de relacionamento como o *Facebook* e redes sociais de troca de mensagens como o *Twitter* e *WhatsApp* são frequentemente utilizados para informar e repassar informações ao mundo. Essas ferramentas conseguem mobilizar pessoas agregando informações.

¹¹ Ana Carolina D. ESCOSTEGUY, *Estudos Culturais em Debate*, p. 5 *apud* CORRÊA; MADUREIRA, 2010, p.164

CONCLUSÃO

Com este artigo, mostrou-se como o webjornalismo se modificou desde seu surgimento e as consequências que essas alterações trouxeram para a profissão e os profissionais da área. Com isso, foi possível constatar que a evolução dos processos comunicacionais estão alterando a forma das pessoas lidarem com a informação.

A democratização da produção livre de conteúdo ocasionada pelo surgimento e disseminação da internet é uma das grandes marcas da comunicação moderna. Com isso, vislumbramos o surgimento de movimentos e fenômenos comunicacionais, como o jornalismo participativo.

O webjornalismo participativo possibilitou que cada vez mais pessoas participassem do processo de criação de notícia, sendo o imediatismo a grande marca do público, que se mostra cada vez mais ávido pela informação na hora do ocorrido, valorizando cada vez mais a velocidade que essa informação é transmitida.

Com o grande número de conteúdo gerado por cidadão, os portais de notícia encontraram um modo de se apropriar destes materiais, criando os espaços colaborativos em seus *sites*, estimulando cada vez mais o envio de conteúdo. Entretanto, ao analisar mais atentamente, nota-se que essas seções colaborativas são segregadas dos conteúdos jornalísticos produzidos pela equipe da redação, ficando alojado em uma parte isolada do *site*.

Nota-se que a maior intenção por parte dos portais é conseguir o maior número de informação de diferentes assuntos e pontos de vista, sem aumentar os custos da produção, já que o cidadão não é remunerado pela colaboração. Então, a estratégia de fidelização usada pelos *sites* é justamente publicar o conteúdo com o crédito do colaborador, que, de certa forma, sente-se reconhecido pelo trabalho. Além de, em caso de matérias de denúncias, vê na publicação uma possibilidade de resolução do problema.

Com esse despertar de interesse por parte do público, os *sites* que possuem seções colaborativas precisam ter mais cuidado com o tratamento dado a esses conteúdos. Apesar de ser uma ferramenta útil, é preciso prestar atenção nos próximos passos do jornalismo colaborativo, pois, apesar de haver a necessidade de um profissional da área para mediar a informação, o crescente uso de conteúdo gerado por colaboradores pode prejudicar a profissão, a medida que a equipe de profissionais seja reduzida em virtude ao grande número de conteúdo recebido, ficando apenas os necessários para apuração e formatação de

texto, tornando-se jornalistas de escritório. Essa característica foi percebida nas matérias analisadas durante a pesquisa, pois as matérias publicadas nas seções colaborativas, apesar de algumas serem assinadas por internautas, todas foram escritas por jornalistas da equipe com base nas informações recebidas.

REFERÊNCIAS

- BAGGIO, Carolina Liger. **Jornalismo Colaborativo em Portais de Notícias Online: O que a Mídia Hegemônica não Enxerga?**. 2011. 28 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-graduação: especialização em Mídia, Informação e Cultura) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. [Orientador: prof. Dr. Juarez Xavier]. Disponível em: <www.usp.br/celacc/ojs/index.php/blacc/article/viewFile/308/303> Acessado em: 20 abr. 2014
- BRAMBILLA, A. M.. **A Reconfiguração do Jornalismo Através do Modelo open souce**. Sessão do imaginário, 2005.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma História Social da Mídia: de Gutenberg à Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- Bruns, Axel. **Gatewatching, not Gatekeeping: Collaborative Online News**. Media International Australia Incorporating Culture and Policy: quarterly journal of media research and resources, 107, pp. 31-44.
- CANNITO, Newton Guimarães. **A Televisão na Era Digital: Interatividade, Convergência e Novos Modelos de Negócios**. São Paulo: Summus, 2010.
- CASTILHO, Carlos; FIALHO, Francisco. **O Jornalismo Ingressa na Era da Produção Colaborativa de Notícias**. In: RODRIGUES, Carla. **Jornalismo On-line: Modos de Fazer**. Rio de Janeiro: PUC-Rio/Sulina, 2009.
- CORRÊA, Elizabeth Saad; MADUREIRA, Francisco. **Jornalismo Cidadão ou Fonte de Informação: Estudo Exploratório do Papel do Público no Jornalismo Participativo dos Grandes Portais Brasileiros**. Estudos em comunicação n.7, v.1, 157-184, 2010.
- FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira; LINDEMANN, Cristiane. **Jornalismo Participativo na Internet: Repensando Algumas Questões Técnicas e Teóricas**. XVI Encontro da Compós (Curitiba), 2007.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. – São Paulo: Ed. 34, 1999.
- MACHADO, Elias. **Metodologias de Pesquisa em Jornalismo: Uma Revisão Histórica e Perspectivas para a Produção de Manuais de Orientação**. Sociedade Brasileira de Pesquisa em Jornalismo, v. 6, n. 1, p. 10-28, 2010.

- MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e Jornalismo: A Saga dos Cães Perdidos**. São Paulo: Hacker Editores, 2000
- MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais: Linguagens, Ambientes, Redes**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- MIELNICZUK, Luciana. **Sistematizando alguns Conhecimentos sobre Jornalismo na Web**. In: MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos. Modelos de Jornalismo Digital (Org.). Salvador: Edições GJOL, 2003.
- PALACIOS, Marcos. **Ruptura, Continuidade e Potencialização no Jornalismo On-Line: O Lugar da Memória**. In: MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos. Modelos de Jornalismo Digital. Salvador. Edições GJOL, 2003.
- PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. 2ª Ed., São Paulo: Contexto, 2010.
- PRETTO, Nelson De Luca. **Além das Redes de Colaboração: Internet, Diversidade Cultural e Tecnologias do Poder** / Nelson De Luca Pretto, Sérgio Amadeu da Silveira (Org.). Salvador: EDUFBA, 2008.
- PRIMO, Alex. O Aspecto Relacional das Interações na Web 2.0. **E-Compós**, Brasília, v. 9, p. 1-21, 2007.
- _____. **Fases do Desenvolvimento Tecnológico e suas Implicações nas Formas de Ser, Conhecer, Comunicar e Produzir em Sociedade**. In: PRETTO, Nelson De Luca. Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder / Nelson De Luca Pretto, Sérgio Amadeu da Silveira: organizadores. – Salvador: EDUFBA, 2008. 232 p
- PRIMO, Alex; TRÄSEL, Marcelo Ruschel. **Webjornalismo Participativo e a Produção Aberta de Notícias**. Contracampo (UFF), v. 14, p. 37-56, 2006.
- REGES, Thiara Luiza da Rocha. **Características e Gerações do Webjornalismo: Análise dos Aspectos Tecnológicos, Editoriais e Funcionais**. 2010. 96 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social) - Faculdade São Francisco de Barreiras, Bahia, 2010. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/reges-thiara-caracteristicas-e-geracoes-do-webjornalismo.pdf>>. Acessado em: 20 mar. 2015.
- ROCHA; Jorge. BRAMBILLA, Ana Maria. **Comunicação Relacional e as Mediações Possíveis no Jornalismo Colaborativo**. In: VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2009, São Paulo, Anais... São Paulo: Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo.
- RUDIN, Richard; IBBOTSON, Trevor. **Introdução ao Jornalismo: Técnicas Essenciais e Conhecimentos Básicos**. São Paulo: Editora Roca, 2008
- SILVA, Fernando Firmino da. Repórteres em Campo com Tecnologias Móveis Conectadas. In: BARBOSA, Suzana; MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo e Tecnologias Móveis**. Labcom, 2013

ZANOTTI, Carlos A.; REIS, Isabela Oliveira dos. **Jornalismo e Colaboração no Portal Wikinotícias: Entre os Propósitos e o Resultado.** In: 9º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2011, Rio de Janeiro, Anais... Rio de Janeiro: SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo.